

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO.

RESUMO: O presente texto tem por finalidade principal discorrer sobre as experiências do primeiro dia de atividade de uma equipe de extensionistas responsáveis por desenvolver intervenções no Presídio de Segurança Média Professor Cyridião Durval e Silva, localizado na capital alagoana. Trata-se de uma iniciativa do projeto de extensão da UFAL “Reconstruindo Elos: ações interdisciplinares de cidadania e direitos humanos em unidades prisionais de Maceió”. O trabalho centra-se no debate promovido nesse espaço pelos discentes do curso de direito em alusão ao dia da consciência negra, trazendo como tema o racismo, preconceitos e a diversidade social e étnica da sociedade brasileira. Paralelamente, são feitas reflexões e inferências a partir das questões dialogadas no ambiente carcerário, associando-as com os discursos proferidos pelos presos e suas reações espontâneas observadas pelos extensionistas. Nesse sentido, as discussões aqui presentes contrastam as perspectivas de senso comum e os saberes desenvolvidos na Academia com a realidade empiricamente percebida naquele espaço. Assim, revelam-se facetas, detalhes e curiosidades do cárcere, as relações sociais desenvolvidas nessa esfera, as perspectivas de vida dos próprios sujeitos que lá estão. Destarte, ficou claro que essa iniciativa permitiu um rico intercâmbio de saberes, experiências e concepções de mundo, conferindo aos reeducando uma posição de protagonismo e centralidade, sendo convidados a serem ouvidos e fazer de suas histórias e formas de pensar o objeto central do debate. Portanto, tem-se como resultado a exaltação do caráter humano desses indivíduos, evidenciando-se seu elo com a sociedade livre, e não com um universo social paralelo como erroneamente se pode supor, inclusive em âmbito acadêmico

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Social. Cárcere. Debate. Extensão.

DISCUSSING SOCIAL DIVERSITY IN MALE PRISON ENVIRONMENT: REPORTING THE FIRST DAY OF EXTENSION ACTIVITY.

ABSTRACT:

This article aims to discuss the experiences of extensionists during their first day of activity doing interventions in the Medium Security Prison Professor Cyridião Durval e Silva, located in the capital of the State of Alagoas. It is an initiative in the extension project “Relinking: interdisciplinary actions of citizenship and human rights in prison units in Maceió, Brazil”. This work focuses on the debate promoted by students of Law School referring to the Day of Black Conscience, having as theme racism, prejudice and social and ethnic diversity of Brazilian society. In the meantime, reflections and inferences are made on the issues from the prison environment, relating them with speeches given by the prisoners and their spontaneous reactions. The discussions here contrast therefore the common sense and knowledge developed in the Academy with the reality empirically perceived in that restraint.. Prison facets, details and curiosities are here revealed as well as the prisoner’s perspectives on life and their way of constructing social relations in that environment. This initiative allowed a rich exchange of knowledge, experiences and conceptions, giving prisoners a position of protagonists, being invited to be heard as well as to make their stories and ways of thinking the main object of debating. As a result, it was observed an exaltation of the human character in these individuals showing their link with free society, but not with a parallel social universe as it might be mistakenly assumed, including among the academics.

KEYWORDS: Social diversity. Prison. Debate. Extension.



ISSN Eletrônico 2236-5842
Vol. 08 | N° 10
Jul-Dez | 2021

Martin Ramalho de Freitas Leão Rego
(autor).

Vínculo institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

Submetido em Set./2019.

Aceito em Set/2019.

Revisado em Jan/2020.

Publicado em Dez /2021.

PROEX
Pró-reitoria de Extensão



1 INTRODUÇÃO.

Em uma segunda-feira, reuniram-se, no pátio da Faculdade de Direito de Alagoas, dezessete membros do projeto de extensão “Reconstruindo Elos: ações interdisciplinares de cidadania e direitos humanos em unidades prisionais de Maceió”, vinculado à Universidade Federal de Alagoas, por meio de sua Pró-Reitoria de Extensão. Esses extensionistas pertencem à equipe responsável por desenvolver atividades em dois módulos especiais do Presídio de Segurança Média Professor Cyridião Durval e Silva. Antes de discorrer sobre os fatos desse dia, apresenta-se a natureza do projeto.

Como o seu próprio subtítulo sugere, trata-se de uma iniciativa de protagonismo dos estudantes dos cursos de Direito, Psicologia e Serviço Social por meio da qual se busca contribuir com os processos de reintegração social das pessoas que passam pelo cárcere levando temas relacionados a direitos humanos, cidadania e participação social a pessoas privadas de liberdade (PIMENTEL; VASCONCELOS, 2017, p. 13-14). Contudo, por se tratar de um projeto de extensão, não se dissocia o ensino e a pesquisa, com especial atenção para a cientificidade.

Antes das intervenções nos espaços de reclusão, os estudantes são instruídos teoricamente com contribuições de importantes pensadores como Paulo Freire (1981 e 1983) e Michel Foucault (1987), além do próprio referencial normativo que rege aquele ambiente com disposições constitucionais (BRASIL, 1988) e legais (BRASIL, 1984), através das quais se fornece subsídios cognitivos para a construção das atividades e para a produção de escritos acadêmicos como este. Além do estabelecimento prisional anteriormente mencionado, o projeto também possui outras duas equipes responsáveis por atuar em outras duas unidades: o Estabelecimento Prisional Feminino Santa Luzia e o Centro Psiquiátrico Judiciário Pedro Marinho Suruagy.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

O Cyridião – como corriqueiramente chamamos – é uma unidade carcerária exclusivamente masculina, nossa equipe de vinte e um membros se subdivide para atuar nos módulos sete, intitulado “módulo cristão”; e oito, intitulado “módulo respeito”. Hoje estamos no quarto ciclo do projeto (2018-2019), que surgiu no ano de 2013. Dando seguimento ao relato, havíamos acordado de nos encontrar pontualmente às 13h30 para executar o que havíamos planejado para o nosso primeiro dia de atividades: reapresentar¹ a equipe e desenvolver uma dinâmica em alusão ao dia da consciência negra, que estava bastante próximo. Sobre o primeiro tópico, houve uma pausa nas visitas por aproximadamente um mês, tempo de transição entre a equipe anterior e a atual, fato que julgamos necessário justificar perante eles o motivo de sua ocorrência, além de os inteirar sobre o que planejamos executar no nosso ciclo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Pouco antes de iniciarmos os preparativos, a professora orientadora nos surpreendeu com a informação de que havia um impasse entre a administração do presídio e os presos do módulo cristão, razão pela qual não poderíamos visitá-lo. Assim, a ideia da dinâmica de discussão sobre questões raciais, seria direcionada a um único módulo.

A inspiração para essa atividade teria vindo de uma iniciativa do Centro Acadêmico do curso de Direito que, na semana anterior, organizou intervenções nas dependências da Faculdade com a intenção de discutir e provocar reflexões sobre a situação de desvantagem e exclusão social na qual vivem os não brancos.

Cita-se isto porque foi justamente uma dessas colegas, em consonância com essa iniciativa, quem teve a ideia de organizar a dinâmica a ser levada aos reeducandos. A proposta inicial era que colaríamos em um grande cartaz imagens de várias pessoas de diferentes etnias e, por conseguinte, iríamos propor, estrategicamente, algumas situações hipotéticas nas quais eles deveriam escolher

¹ Usa-se o termo “reapresentar” porque, apesar de ser nosso primeiro dia de atividade da equipe, os extensionistas já haviam conhecido as unidades na companhia da equipe anterior e da professora orientadora.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

dentre os indivíduos representados por essas fotografias, e, por fim, a partir das respostas, fomentaríamos um debate livre sobre diversidade social e étnica no Brasil.

Assim o fizemos, separamos uma das cartolinas grandes que havíamos levado e começamos a buscar imagens de revistas para recortar e nela colar. Com a ajuda de todos, esta atividade pôde ser concluída em um tempo relativamente curto. Uma vez estando o cartaz pronto, utilizamos o restante do tempo para discutir os questionamentos a serem feitos. Como pretendíamos que as respostas fossem individuais, decidimos limitar a enquete a quatro perguntas principais, pois ainda deveria restar tempo para um debate aberto, em que, após essas perguntas, todos pudessem fazer as colocações que entendessem por oportunas.

Após certa discussão, acordamos que o primeiro questionamento versaria sobre a escolha de alguém para representar uma conquista em equipe. Com isso, pretendíamos identificar os principais critérios de representação que vigoravam entre os reeducandos, isto é, quem eles julgavam merecedores de prestígios em razão de um feito coletivo. Para melhor contextualização, resolvemos relacionar com o esporte característico da cultura brasileira: o futebol. Nesse cenário hipotético a ser proposto, o time ganhador deveria escolher aquele que ficaria com o troféu.

Em sequência, as duas perguntas próximas teriam, por fim, a discussão de aspectos subjetivos que norteiam a solidariedade intracárcere. Para tal, levantam-se outros cenários hipotéticos nos quais, imaginando-se neles, cada um dos presentes deveriam escolher pessoas para estar ao seu lado. Nesse sentido, buscou-se variar as razões, escolhendo-se lazer e trabalho. Assim, acordou-se pela escolha de três pessoas representadas pelas imagens do cartaz.

Por fim, a última pergunta a ser feita foi suscitada por uma carência de representatividade feminina nas propostas traçadas. Assim, em consonância com o objetivo de discussão da diversidade na sociedade brasileira, a equipe definiu que este questionamento seria no sentido de indicar, apenas com base em suposições feitas a partir das imagens expostas, quais das mulheres ali representadas seriam as mais bem sucedidas. Como o sucesso é um conceito relativo e suscetível a diversas acepções, optou-se por restringi-lo ao âmbito dos negócios, associado ao sucesso econômico e, por consequência, relacionado a *status* social.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

Observa-se que os questionamentos acima definidos não foram preliminarmente enunciados em perguntas, mas postos do modo aberto para que possa ser livremente adaptados pelos extensionistas conforme conveniências ao momento em que a dinâmica for aplicada, inclusive levando-se em consideração as dúvidas ou a má recepção de cada proposta por parte dos ressocializados. Essa opção se deve a pretensão inicial da ação de extensão, que não seria propriamente fazer uma pesquisa em seu sentido formal, mas propiciar um contexto de interação, que permita ambos os lados se conhecerem: extensionistas e reeducandos.

Como já dito, esse seria o primeiro dia de efetiva atividade, razão pela qual não se pode exigir rigorosidade metódica em seus trabalhos, afinal, a extensão se justifica também pelo seu impacto social, não exclusivamente pela produção de saber científico. Portanto, esta iniciativa foi no sentido de conciliar esta com aquele, na medida do que permite o seu contexto de execução.

3. O ADENTRANDO AO AMBIENTE CARCERÁRIO E A AMBIENTAÇÃO COM UM ESPAÇO DE RECLUSÃO

Feito o cartaz e definidas as quatro perguntas a serem feitas, às 14h, fomos em direção ao complexo penitenciário que fica ao lado da UFAL. Lá chegando, os agentes solicitam que os carros parassem para que serem anotadas as suas placas. Indo adiante, chegamos ao Cyridião. Ficamos à frente da grade de entrada, que estava fechada, e não havia ninguém na portaria. Perguntamos a um vigilante que estava por perto se poderíamos entrar, ele disse que deveríamos chamar um dos agentes (um homem e uma mulher) que estava no outro lado, na entrada da unidade. Ele disse ainda que não poderia abandonar o posto pelo qual era responsável por vigiar para nos ajudar em razão ser apenas um contratado e que a entrada seria de responsabilidade dos efetivos. Assim fizemos por bastante tempo, acenamos, chamamos e não obtivemos resposta alguma, a pesar de ter certeza que fomos notados. Eventualmente pessoas abriam o portão e passavam por nós. Uma delas era uma mulher que trajava um jaleco, mas todos passaram sem nos dar a devida atenção, muito menos alguma resposta. Tentávamos falar que pertencíamos ao projeto de extensão Reconstruindo Elos e que estávamos ali para desenvolver uma

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

atividade no módulo Respeito (8); que o diretor estava ciente e havia autorizado poucas horas antes, mas ouvia um “certo” e, após isso, ia-se embora.

Alguns minutos nesse impasse, decidimos por abrir o portão e nos dirigir até os agentes da entrada, mesmo contrariando a indicação daquele segurança. Dirigindo-se à entrada, não sofremos qualquer interpelação pela iniciativa aparentemente audaciosa. Naquele momento, percebemos que, nas próximas visitas, deveríamos ignorar certas barreiras simbólicas e nos dirigir diretamente aos nossos destinos sem nos prender a limitações tácitas que um ou outro agente pudesse nos impor. Aliás, já fomos alertados quanto a isso, alguns deles podem não ser muito entusiastas do projeto, deixando claro que, para eles, não somos bem-vindos. Algo que se ilustra nos seguintes relatos da equipe do primeiro ciclo que atuou na Unidade feminina Santa Luzia: “percebemos certo desconforto das agentes penitenciárias com relação à nossa presença, a agir de má vontade, apresentando certa rispidez no tratamento, desmerecendo a iniciativa do projeto” (MARTINS; MENDES; SANTOS, 2017, p. 86). A partir daí, dialogamos com o agente. Ele, de início, não parecia muito receptivo ou disposto a ajudar, mas não criou barreiras triviais, pediu que reuníssemos o grupo, deixássemos nossos telefones e avisou-nos para levar documento de identidade na próxima visita. A partir desse momento, as coisas pareciam correr bem.

Cumprido os requisitos, o grupo foi conduzido ao interior da unidade. No percurso, sem muito tempo para observações atentas, alguns detalhes chamaram a atenção, como dois detentos agachados no canto da parede sem qualquer motivo visivelmente perceptível, sequer havia alguém para vigiá-los ou aplicar algum procedimento. Pouco depois, numa porta aberta, vimos mais um detento sentado imóvel numa cadeira em frente a um birô, algemado. E seu semblante passava a ideia de que aguardava, pacientemente, a contrapartida de alguém, por certo, de alguma autoridade ou detentor de especial poder para ajudá-lo. Nos dois casos, o aspecto mais perceptível era a semelhança dos detentos com objetos, coisas sem vida, sem movimento ou relevância. Não obstruíam a passagem, não havia muitas razões para notá-los. Trata-se de uma impressão para qual eles mesmos concorriam, como se fosse o único pelo qual pudessem ser recepcionados naquele espaço, ou se a menor interação representasse uma ameaça intolerável enquanto estivessem fora das celas.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

Seguindo-se em frente, passando pelo corredor das celas, nos deparamos com um agente que houvera acabado de retirar um detento de seu módulo e vinha com ele em nossa direção. Mesmo havendo espaço suficiente para ambos passarem, o agente que nos conduzia indicou que nos afastássemos para a outra extremidade do corredor, como se um mínimo contato representasse algum risco. Será que ele esquecera que iríamos nos trancar numa cela por quase duas horas com vários presos? Talvez aquele detento específico seja alguém tido como perigoso por aquele agente. Todavia, o que achamos mais provável é que os agentes estão tão habituados a segregar os detentos das pessoas livres e que, neste caso, o fez por impulso, algo involuntário, sem questionamentos ou reflexões.

4. DISCUSSÕES SOB QUATRO PAREDES

Em frente à grade de entrada para a cela, fomos apresentados ao representante daquele módulo – que logo nos deu boas vindas e sinalizou a nossa entrada. Prontamente, o agente, na presença de outros profissionais que reforçavam a segurança para aquele momento, abre o grande ferrolho enterrado na parede, possibilitando nossa entrada. Adentrando nesse espaço pouco conhecido, fazemos o possível para promover uma ambientação agradável e suscetível ao diálogo, cumprimentando um a um que vemos pela frente e chamando a todos para a se reunir em um grande círculo. No início, poucos se juntaram a nos, dois ou três, quase não se faziam presente se comparados aos dezessete estudantes. Parecia-nos que havia uma resistência pelo desconhecimento, mas não descartamos a possibilidade de que ocorrera algo desagradável – como uma revista, operação ou o simples fato de termos interrompido alguma atividade anterior – que os pudesse deixar chateados e introvertidos. Tal situação pouco a pouco foi superada, os que já estavam presentes começaram a se entusiasmar e convidar os demais que paulatinamente foram surgindo e integrando a roda.

Com a atenção de todos, introduzimos a fala justificando as razões da interrupção das visitas, ações do projeto, houvera dado devido à troca de equipe. Subsequentemente, apresentamos que o tema da atividade que pretendíamos promover era em alusão ao dia da consciência negra, que ocorreria no dia seguinte. As manifestações eram positivas, todos demonstravam que reconheciam a relevância

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

de se discutir o racismo e outros conflitos decorrentes da diversidade étnica. Contraditoriamente, era perceptível que, no público ali presente, havia poucas pessoas de pele escura, evidenciando que, de fato, se tratava de um módulo seletivo.

Após essa introdução, uma colega começa a explicar como iria ocorrer a dinâmica: seria exposto um cartaz com imagens de inúmeras pessoas de características étnicas variadas. Concomitantemente, seriam feitas quatro perguntas cujas respostas implicariam a escolha de uma ou mais pessoas. Dito isso, fizemos uma breve demonstração e, para fins de exemplificação, respondemos à primeira pergunta: “Imagine que houve uma competição de futebol na qual fazem parte da equipe vencedora todas essas pessoas cuja foto está colada no cartaz. Nesse cenário, você deve escolher uma pessoa para receber o troféu pela vitória da equipe. Qual pessoa você julga merecedora da taça? Por qual motivo?”². Prontamente, tratamos de não só escolher a face mais carismática, como também de elaborar uma justificativa que promovesse pronta aceitação naquele ambiente, evitando algo estranho àquele espaço que pouco conhecíamos empiricamente. Partimos do pressuposto de que a exposição de uma tese que pudesse promover a repulsa daqueles indivíduos, gerando polêmica entre eles, poderia acarretar naquilo que chamamos de “uma primeira impressão ruim”, afinal outra máxima mostra-se verossímil: “a primeira impressão é a que fica”.

Desse modo, o que pretendíamos era evitar que a nossa resposta tornasse distante, subjetivamente, do grupo de estudantes ao grupo de reeducandos ali reunidos. Logo, intuitivamente, buscamos o resguardo de um valor moral que se crê ser amplamente aceito na sociedade brasileira, principalmente entre os mais velhos: a senectude. Sem demora, escolhemos um senhor de idade cuja fotografia estava no cartaz, justificando-a pela sua aparente simplicidade e provável limitação física, razão pela qual seria ele quem mais se esforçou entre os demais para atingir a vitória da equipe, fazendo jus ser a ele entregue o prêmio. Percebe-se que há um breve caráter meritocrático nessa escolha, conforme outrora explanado pelo nosso professor de Introdução ao Estudo de Direito. Trata-se de um dos mais antigos e respeitados

² As falas enunciadas nesse texto não são as exatas palavras utilizadas na ocasião, mas uma reformulação, de similar significado, para fins de registro nesse trabalho.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

critérios de justiça. Atribui-se sua elaboração ao filósofo grego Aristóteles (1987), cuja essência da teleologia, contida em sua obra, encontra-se presente hodiernamente nos concursos públicos, nos critérios para distribuição de verba pública e em discursos como o proferido no início do diálogo com os reeducandos.

Com efeito, parece que tais suposições propedêuticas foram felizes, sendo o nosso entendimento acompanhado, ao menos parcialmente, pelos três reeducandos que enfrentaram o questionamento imediatamente depois. Esses em sequência, e diversos outros, escalonadamente escolheram o mesmo senhor de idade, formando-se uma expressiva maioria.

Nessas respostas, cada um demonstrava, com suas próprias palavras e de modo sucinto, o respeito que detinham pela terceira idade. Tal sentimento, aliás, pôde ser percebido pela forma como eles se dirigiam e pela atenção que tinham com o senhor Antônio³, um idoso que resguardava certa semelhança com aquele da imagem: ambos apresentavam, em seu corpo, a partir de cada postura e em seu semblante, características de um típico nordestino que enfrentou inúmeras dificuldades no decorrer de sua vida.

Subsequentemente, a próxima pergunta seguiu numa perspectiva completamente diferente: “Qual dessas pessoas você convidaria para viajar ao seu lado? Quais características dessa pessoa lhe levou a escolhê-la?”. Nesse momento, não faltaram risadas e gracejos por toda parte: “Vai escolher o velho de novo, fulano?”. Encaramos com bastante positividade essa reação, finalmente havia um clima de descontração naquele círculo que unia pessoas com perspectivas de vida tão distintas. Como inicialmente esperado na elaboração da dinâmica, foram escolhidas as mais belas mulheres que estavam no cartaz, com as devidas preferências estéticas. Dessas, destaca-se que as respostas variaram entre aquelas moças que seguem um perfil de beleza de padrão branco europeu e outras que apresentam características mais comuns aos brasileiros, ou ainda, aos nordestinos. Por outro lado, alguns ainda persistiram na mesma figura do senhor de idade, evocando princípios de respeito aos mais velhos ou ainda justificando que se tratava de uma metáfora: aquele homem de idade representaria seu pai ou alguém de similar importância em sua vida.

³ Nome fictício.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

Seguindo adiante, foi-lhes indagado: “Qual dessas pessoas você contrataria para trabalhar ao seu lado? Escolha três”. Mais uma vez, foi passado o cartaz entre eles e, na medida em que estes apontavam aqueles que eram os escolhidos, os extensionistas que conduziam a atividade solicitaram uma justificativa pela preferência. Com efeito, as respostas apresentadas mostravam-se bastante reveladoras de como o funcionamento da sociedade era percebido por eles. Foram três as respostas individuais proferidas por pessoas distintas que mais nos chamaram a atenção. A primeira, foi a escolha de um rapaz branco trajado com paletó e gravata que estava à frente de uma grande equipe de funcionários. Em sua fala, o autor da resposta superava as distinções entre o contexto daquela foto e o seu, evidenciando a imprescindibilidade da figura do líder. De fato, era algo perceptível naquele módulo, seus integrantes tinham seus interesses defendidos perante a administração penitenciária a partir do representante escolhido pelo grupo. Uma pessoa carismática e comunicativa, alguém que mantinha boas relações com todos, atentando às demandas individuais próprias de cada colega.

Em sequência, a segunda resposta mostra-se igualmente reveladora de pistas sobre o modo de relacionamento interpessoal entre os homens daquele ambiente: “Escolho essas três moças porque tudo com mulher é mais fácil”⁴. Sem grandes esforços de interpretação ou inferência, percebe-se que aquele homem – que aparenta algo em torno de quarenta e cinco anos – atribui sua insatisfação com aquele ambiente, com possíveis atritos e surgimento de litígio, à natureza masculina dos indivíduos nele presentes.

Por fim, outra resposta igualmente interessante chamou atenção para o papel atribuído à aparência, à beleza no alcance do sucesso. Após também escolher três belas moças, o rapaz com aparência jovem e vigorosa justificou: “A beleza abre portas”. No decorrer da dinâmica, ele demonstrará uma postura bastante progressiva, um pensamento empreendedor cheio de expectativas otimistas para o futuro aliado a uma visão pragmática dos fatos. Não se evita imaginar o que o teria levado àquela resposta. Especulativamente, atribui-se à observação recorrente da estética sendo utilizada como critério para diferenciação do tratamento para com o próximo – algo

4

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

que poderia, inclusive, ser observado naquele ambiente, seja no tratamento dado pelos operadores do sistema carcerário aos reeducandos, ou ainda, pelos próprios companheiros de cela entre si.

Naquele momento, não se percebeu o alcance reflexivo dessa resposta. Explica-se. Cientificamente, por mais absurdo que soar, a beleza já fora critério objetivo para o julgamento da culpa. Trata-se de um paradigma antropobiológico (GOMES, 2007), tendo como principal expoente o médico legista Cesare Lombroso, no que acabou conhecido como positivismo criminológico, marcado pela busca do criminoso nato. Tentava-se descobrir, através do estudo das características físicas, aquelas pessoas que estariam pré-dispostas a serem transgressoras. Assenta-se assim o conceito de atavismo, isto é, não evoluído, evidenciando-se a influência do darwinismo, ao se associar o cometimento de ilícitos a uma deficiência de natureza biológica.

A pertinência dessa citação se justifica ainda pelo caminho trilhado por Lombroso para se chegar a tal teoria, cujo objeto de estudo fora os milhares de prisioneiros que se amontoavam em masmorras europeias (ZAFFARONI, 2011). Digo isso para demonstrar que, por mais que não houvesse essa pretensão, aquele detento acaba por nos revelar que a obsolescência desse paradigma foi um avanço que se limitou à Academia. Em toda a sociedade, a máxima que ilustra esse pensamento: "quando se tem dúvida entre dois presumidos culpados, condena-se o mais feio" mostra-se bastante influente, ainda que subjetivamente, quando se julga o próximo. No âmbito criminal, tal fato se comprova pelos indicadores da seletividade do sistema de justiça. Contudo, para não fugir ao escopo desse texto, limita-se a citar aquilo que foi visto na unidade prisional, pelas brechas das suas portas que bloqueavam o acesso aos demais módulos: inúmeros detentos com perfil completamente distinto àquele que se vê nos módulos especiais, em sua maioria, negros, todos com semblante de pouca insatisfação ou mal estar.

Para além dessas reflexões, dando seguimento com a quarta e última pergunta da dinâmica, questionou-se: "qual dessas mulheres vocês acham que é uma dirigente de uma empresa bem sucedida?". Buscávamos aqui, por certa influência das meninas da equipe, melhor contemplar o gênero feminino nas discussões. Com efeito, as

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

imagens que mais receberam apontamento foram aquelas que ilustravam mulheres com uma postura de liderança, passando confiança. Muito alegrou a equipe ver que as imagens de mulheres negras receberam o reconhecimento daqueles homens, não foram poucos aqueles que as escolheram como sendo bem sucedida.

Nesse ponto, antes de se aprofundar nas discussões pós-perguntas, foram observadas algumas ocorrências peculiares que se repetiram em todas as perguntas ou na maioria delas. Destes, iniciamos expondo o papel da família naquele espaço, que para a maioria parecia ser uma questão superada. Afinal, quase não houve posicionamentos que pudessem ser remetidos a questões familiares. Mesmo assim, chama-se atenção para o movimento minoritário. Em contraposição à tendência coletiva, um dos participantes mostrou que essa seria uma questão central para ele. Trata-se de um rapaz jovem – pode-se inferir que era o mais novo daquele módulo – que estava todo tempo com uma bíblia em mãos e sempre era o que se mostrava muito contido: falava pouco, quase não se manifestava quando não lhe dirigiam a palavra. Era o único com esse perfil. Em todas as respostas, sem exceção, ele escolheu a imagem da mulher que tinha ao seu lado uma pequena menina que aparentava ser sua filha. Quando questionado, foi sempre direto e objetivo ao declarar que escolhe aquela imagem por remeter a uma figura materna, ratificando que a família para ele seria algo a ser especialmente valorizado, mesmo em um espaço em que se emergem outras necessidades.

Como outro exemplo, cita-se um senhor muito comunicativo que, logo de início se mostrou bastante entusiasmado com a ideia de se fazer uma discussão voltada para o dia da consciência negra. Desde a primeira resposta, ele exaltava as qualidades e o papel fundamental dos não brancos; expressava seu orgulho pela existência de tantos representantes do grupo étnico do qual ele faz parte⁵, seja nas imagens do cartaz, seja entre os integrantes do grupo. Nessa ocasião, ele elogiou em demasia a atuação dos membros negros do grupo e previu um futuro de muito sucesso para eles, sem deixar de reconhecer a atuação dos demais.

⁵ O próprio senhor se declarou negro.

4.1. DEBATE DE ENCERRAMENTO

Após todos os reeducandos presentes responderem às quatro perguntas elaboradas pela equipe, iniciamos as discussões abertas sobre as perspectivas ali reunidas. Começamos por provocar o debate através da apresentação de informações estatísticas que evidenciavam a seletividade existente em toda a sociedade brasileira. Após a fala de algumas colegas, expomos aquilo que fora constatado em pesquisas anteriores: durante os anos de 2006 e 2016, 91% das vítimas de homicídio em Alagoas foram homens negros. Quando se incluem as mulheres negras, somam-se 96% das vítimas. Logo, ao mesmo tempo em que é um dos mais violentos, também é um dos estados mais seguros para os brancos⁶.

Posteriormente, por um deles, fomos indagados: “O que é que se conclui a partir disso? Onde vocês querem chegar?”. Prontamente notamos que os dados que fornecemos não o sensibilizou como esperávamos. Foi como se nossas falas confrontassem sua concepção já formada. Diante dessa situação, buscamos ser convincentes, explicamos que o processo histórico que culminou nessa desigualdade étnica surge desde o período de escravidão no Brasil, quando os negros eram impedidos de ascender socialmente. Até então, a nossa explicação foi aceita, mas o mesmo começara a divergir quanto aos corolários desse processo. Para ele, a equidade racial seria uma simples questão de tempo até que os descendentes daqueles oprimidos, por esforço próprio, chegassem ao mesmo patamar dos demais. Defende seu posicionamento ilustrando que a integração dos diferentes grupos sociais vem aumentando, ao passo que o preconceito com as minorias vem diminuindo no passar das gerações: “na época dos meus pais, dos meus avôs, não era como hoje que se aceita tanta coisa”.

Todavia, entendemos se trata de um equívoco, afinal tal caráter determinista eximiria a responsabilidade dos membros da sociedade em promover iniciativa para dirimir essa desigualdade. Além disso, o reeducando não considera em sua análise as contribuições do forte investimento em políticas afirmativas para possibilitar progresso a que se referiu. Entretanto, antes que pudéssemos interpellá-lo para

⁶ Dados extraídos do Atlas da Violência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

fomentar essa interessantíssima discussão, o seu colega José⁷ imediatamente o interrompe para ressaltar que hoje ainda há um forte preconceito que fecha muitas portas a diversas pessoas, e que o simples passar do tempo não era suficiente para se considerar uma solução definitiva.

Adiante, a discussão versa nesse tema por um não muito longo período de tempo, no qual houve o embate desses dois pontos divergentes, para não se limitar à mera transcrição de falas, limitar-nos-emos a registrar uma ocorrência que muito nos chamou a atenção. Em um determinado momento, quando se falava em ações afirmativas, alguns colegas estudantes revelaram que ingressaram na universidade por meio de cotas raciais. Nesse momento, não pudemos deixar de notar alguns comentários discretos que não serão transcritos, mas, em síntese, desprestigiavam, reduziam o mérito daqueles que adentraram à Universidade por esse meio, ao passo que a ampla concorrência seria por eles considerada o caminho correto. Algo se expressa na ideia de porta da frente e porta dos fundos. Notadamente outro equívoco. Apesar de não ter sido pauta de discussão naquele momento, faz-se relevante registrar que, com base em observações pessoais, nota-se que um grande número, talvez até a maioria, dos estudantes de maior destaque e sucesso para além da sala de aula, no curso de Direito, ingressaram por meio de cotas.

Após isso, sem que fechássemos o debate, o representante do módulo que sempre esteve atento à grade de acesso ao corredor, nos informa que nosso tempo havia esgotado. Planejávamos ficar até às 16h horas, quando os módulos são fechados, ocorrendo o processo chamado “tranca”. Assim, 15 minutos antes desse horário, um agente entra em contato com o representante que anuncia a nossa saída. Enquanto nos retirávamos, cumprimentamos diretamente a todos, dessa vez, de modo mais direto e reciprocamente correspondido. Ao passar, novamente, pelos espaços da unidade, notamos não mais estarem lá aqueles reeducandos sentados ao chão inicialmente vistos no caminhar de entrada. Provavelmente, foram atendidos ou deu-se sequência ao procedimento que aguardavam, indicando que certamente não ficaram muito tempo nessa condição de espera.

⁷ Nome fictício

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

Na entrada da unidade, uma colega que chegara atrasada estava nos aguardando, pois a sua entrada não foi permitida. Repassamos a ela o que ocorrera em nossa intervenção. Posteriormente, finalizamos o registro da atividade com uma foto da equipe próxima à fachada da unidade prisional. Sem que houvesse outras ocorrências memoráveis, despedimo-nos dos agentes agradecendo-lhes a atenção nos dada e seguimos discutindo as experiências marcantes desse dia enquanto caminhávamos até a saída do complexo prisional alagoano

CONCLUSÃO

Após uma tarde de convivência no ambiente carcerário, sentando junto aos reeducandos, conversando com eles como iguais, sem reduzi-los a um erro que tenham cometido num determinado momento de sua vida, percebeu-se que experiências como essa são indispensáveis para a formação de um indivíduo que, uma vez formado, seria um potencial operador desse sistema de justiça. Os conhecimentos que se adquirem em aproximadas duas horas naquele ambiente não se podem apreender em livros, textos ou imagens, tampouco podem ser transmitidos por um professor ou palestrante. Nesse sentido, defende-se que conhecer empiricamente o interior das prisões brasileiras deveria ser uma etapa obrigatória na formação superior de qualquer discente que venha a tê-lo como objeto de laboro: magistrados, advogados, promotores, procuradores, assistentes sociais, gestores públicos e outros profissionais.

Assim, para além de estigmas e falácias comumente difundidos, a prisão é um espaço constituído por pessoas que tiveram sua formação pessoal consolidada na sociedade brasileira como qualquer outro cidadão. Muito embora a sociedade livre resguarde discrepantes distinções em seus diferentes espaços e contextos sociais – e esses com a prisão –, muito em comum há entre eles, talvez mais até do que se comparado às diferenças. À primeira vista, isso pode parecer uma obviedade, mas se trata de um fato que costuma ser esquecido, como se o ambiente prisional fosse um universo alternativo ou autônomo.

Logo, verifica-se a imprescindibilidade de reconstruir esses elos deteriorados: por ser o cárcere uma extensão da sociedade, observa-se a repetição dos mesmos

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

fenômenos nela vistos. Algo evidenciado através das formas de solidariedade lá existentes, dos valores dos quais são adeptos, até mesmo dos preconceitos que puderam ser percebidos. Em decorrência disso, não se ignora as próprias contradições lá presentes, a seletividade no tratamento interpessoal, na concessão de benefícios, entre outros que dispensam citação. Certamente, várias daquelas pessoas com as quais conversamos, antes de adentrarem onde hoje estão, veriam com grande estigma os sujeitos que hoje são os seus pares.

Contudo, não se pretende aqui sugerir que o encarceramento seja uma etapa construtiva e salutar para a formação pessoal dos que passam por lá. Essa seria uma discussão que exigiria inúmeros cuidados metodológicos mínimos a serem adotados, além de uma ampliação substancial no espaço amostral – algo com o qual essa investigação preliminar não pôde contar.

Portanto, ressalta-se que as observações realizadas naquela tarde de segunda-feira, em um contido espaço habitado por homens privados de sua liberdade, possibilitaram aos extensionistas aprendizados não só acerca da dinâmica prisional, mas também de uma compreensão holística do modo de funcionar da sociedade alagoana e, em última análise, da sociedade brasileira. Trata-se de perspectivas inusitadas ofertadas espontaneamente, de livre e boa vontade, por pessoas que passaram por situações e contexto que muitos de nós sequer poderíamos imaginar como seria. Por outro lado, também se notou que tais intervenções trouxeram um impacto positivo aos integrantes desse espaço, proporcionando troca de saberes, experiências e concepções de mundo para todos os envolvidos. Sobre isso, dá-se especial atenção aos reeducandos que ocuparam uma posição de protagonismo e centralidade, sendo convidados a serem ouvidos e fazer de suas histórias e formas de pensar o objeto central do debate acadêmico.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

DISCUTINDO A DIVERSIDADE SOCIAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO: RELATOS DO PRIMEIRO DIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO

M. R. de F. Leão Rego

_____. Lei nº 7210 de 11 de julho de 1984. **Institui a Lei de Execução Penal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7210.htm>. Acesso em: 29 set. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOMES, Luiz Flávio. Na dúvida, condena-se o réu mais feio. **Revista Jus Navigandi**. Teresina, ano 12, n. 1442, jun. 2007.

MARTINS, James L. S.; MENDES, Kryslane L. H.; SANTOS, Paulo R. S. Experiência em grupo no estabelecimento prisional feminino Santa Luzia. In: PIMENTEL, Elaine; VASCONCELOS, Ruth (org.). **Reconstruindo Elos**: Experiências de extensão nos sistemas prisional e socioeducativo de Alagoas. Maceió: Edufal, 2017.

PIMENTEL, Elaine; VASCONCELOS, Ruth (org.). **Reconstruindo Elos**: Experiências de extensão nos sistemas prisional e socioeducativo de Alagoas. Maceió: Edufal, 2017.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **A questão criminal**. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.